

IDENTIDADE CULTURAL: UMA LEITURA DO CORPO NOS CORTEJOS DO ARRAIAL DO PAVULAGEM EM BELÉM-PA

Emerson Araújo de Campos
Joelma C. P. Monteiro Alencar

RESUMO

Este estudo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas Amazônicas em Esporte e Lazer-NEPAEL. Apresenta uma análise sobre o processo de construção da identidade cultural do corpo nos cortejos do Arraial do Pavulagem em Belém-PA. O enfoque teórico é o fenomenológico. Utiliza-se da pesquisa qualitativa e de campo. Tem como procedimentos de coleta de dados a observação direta e participante com aplicação de entrevista semi-estruturada. Entre os resultados da pesquisa, analisados pelo Discurso do Sujeito Coletivo-DSC, a estética desponta como elemento essencial para a construção da identidade cultural do corpo nos cortejos.

Palavras-Chave: Identidade. Corpo. Cultura Popular.

ABSTRACT

This study is the fruit of work Completion of course, linked to the Group of Studies and Research in the Amazon Sport and Recreation-NEPAEL. Presents an analysis on the process of constructing the cultural identity of the body in the parades of Arraial Pavulagem in Belém-PA. The theoretical approach is phenomenological. It is used in qualitative research and field. Its procedures for data collection and participant observation with direct application of semi-structured interview. Among the search results, analyzed by the Collective Subject Speech-DSC, aesthetics emerge as essential to the construction of cultural identity of the body in parades.

Keywords: Identity. Body. Popular Culture.

RESUMEN

Este estudio es el fruto del trabajo de Terminación por supuesto, vinculado al Grupo de Estudios e Investigaciones en el Amazonas Deporte y Recreación-NEPAEL. Presenta un análisis sobre el proceso de construcción de la identidad cultural del cuerpo en los desfiles de Arraial Pavulagem en Belém-PA. El enfoque teórico es fenomenológico. Se utiliza en la investigación cualitativa y sobre el terreno. Sus procedimientos de recogida de datos y observación participante con la aplicación directa de la entrevista semi-estructurada. Entre los resultados de la búsqueda, analizados por el Discurso del Sujeto Colectivo-DSC, estética emerge como un elemento fundamental para la construcción de la identidad cultural del cuerpo en los desfiles.

Palabras clave: Identidad. Cuerpo. Cultura Popular.

Introdução

A cultura popular é a expressão livre e espontânea de idéias, imagens, atitudes e valores que se constroem na realidade estruturada ao longo da história nas diversas suas relações sociais. Constitui-se no constante movimento que as sociedades passam, em vários aspectos: político, social, econômico e cultural, que influenciam toda sua estrutura, construindo uma identidade.

O que se vivencia e se constrói nos cortejos do Arraial do Pavulagem expressam um recorte do nível de desenvolvimento social e cultural na Amazônia, particularmente, na cidade de Belém/Pa. Tal manifestação, como resposta a determinadas necessidades, interesses e objetivos, são o reflexo da prática social do caboclo, do feirante, dos povos da floresta, dos antigos colonizadores, escravos e de toda a sociedade que interferiu nesse contexto e refletem em sua identidade, que é singular.

O estudo dessa realidade cultural é de extrema importância. O olhar sobre o corpo que vive, sente e pensa numa manifestação popular, no contexto da Amazônia, precisa ser revelado. As manifestações que ali acontecem trazem um conjunto de experiências adquiridas através do corpo e sintetizam tradições, costumes, modos, valores, crenças, expressões artísticas, idéias, ações do cotidiano e conhecimentos construídos nessa realidade.

A sistematização dos saberes a partir da leitura do corpo é necessária. Esse entendimento possibilita uma intervenção na realidade do estudo, de modo a potencializá-lo. Com esses saberes organizados pode-se apontar a relevância do Arraial do Pavulagem à sociedade, identificar qual o seu papel e propor novas possibilidades para sua organização e abrangência, além de identificar como o homem dessa realidade vive e pensa suas experiências no campo da cultura popular em Belém-PA.

A investigação do corpo como construtor da identidade cultural, possibilita um olhar através da antropologia no entendimento da dinâmica social do contexto em que está inserido, e reflete sobre a identidade presente nessa manifestação popular, indicando um processo de formação humana na rua, no contato com o outro para a construção de uma nova realidade.

De acordo com Laraia (2003) a cultura é dinâmica. Cada sistema cultural está em constante mudança. Assim, entendê-la é importante para a humanidade compreender as diferenças entre os povos de culturas diferentes, além de compreender as variações que ocorrem dentro do mesmo sistema.

A definição de Geertz (1973) aponta a cultura como teias de significados que tecidas pelo homem que precisam ser interpretados. Assim, a cultura é o padrão de significados incorporados nas formas simbólicas, que inclui ações, manifestações verbais e objetos significativos de vários tipos, em virtude dos quais os indivíduos se comunicam e partilham suas experiências, concepções e crenças.

No bojo dessa discussão Chartier (1995) indica que existem dois conceitos de Cultura Popular. O primeiro concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível à cultura letrada. O segundo percebe a cultura popular e suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Nesse sentido, temos de um lado, uma cultura com o intuito de acabar com as formas de etnocentrismo cultural, e de outro, uma preocupada em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social.

Ainda em Chartier (1995) a cultura popular é marcada pelo compartilhar por meios sociais diferentes, e não apenas pelos meios populares, são aculturantes e aculturadas. Para sua definição é necessário que se compreenda sua metodologia de apropriação pelos grupos ou indivíduos. Assim, O “popular” não está contido em conjuntos de elementos que bastariam identificar, repertoriar e descrever. Ele qualifica, antes de tudo, um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras. Tal constatação desloca necessariamente o trabalho do pesquisador, já que o obriga a caracterizar, não conjuntos culturais dados como “populares” em si, mas as modalidades diferenciadas pelas quais eles são apropriados.

Nessa perspectiva dinâmica de mudanças, onde a cultura, e mais especificamente a cultura popular se apresentam em constante resignificação, Hall (2003) aponta para o conceito de Identidade, tornando-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando-nos em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas e fragmentadas.

Nesse sentido, Daolio (1995) aponta que o corpo, como qualquer outra realidade do mundo é socialmente concebida e sua análise indica características de uma sociedade particular, pois cada sociedade acaba escolhendo um número de características que configuram o que e como o homem deve ser em diferentes aspectos. Assim, o corpo carrega consigo todas as regras, normas e valores de uma sociedade específica, por meio dele se dão o primeiro contato do indivíduo com o ambiente que o cerca e assim se constitui a identidade.

O estudo desses autores nos ajudou a analisar o corpo na construção da identidade cultural nos cortejos do Arraial do Pavulagem em Belém-Pa, pois na leitura de como a cultura se processa, na construção da identidade e de como o corpo colabora para esse fim, torna-se indispensável o diálogo com as concepções e conceitos dos mesmos.

Os cortejos do Arraial do Pavulagem como manifestação da cultura popular

Os cortejos do Arraial do Pavulagem acontecem três vezes ao ano. O primeiro deles uma semana antes do carnaval: o Cordão do Peixe-Boi; o segundo em todos os domingos o mês de junho: o Arrastão Junino; e o último é realizado no segundo sábado do mês de outubro: o Arrastão do Círio.

Cada cortejo apresenta um percurso pela cidade que inicia na Praça Princesa Isabel (terminal turístico e localizado num trecho da orla de Belém), chega a Escadinha do Cais do Porto de barco (Arrastão Junino e Cordão do Peixe-Boi), e segue à Praça da República ou para o Largo do Carmo.

Os cortejos são organizados com cerca de 45 dias de antecedência. Nesse período de organização acontecem as oficinas para quem deseja participar do Batalhão-da-Estrela, Roda de Boi, Seminários que também divulgam os cortejos além da preparação da infra-estrutura necessária e a captação de recursos.

As pessoas que participam dos cortejos geralmente são convidadas por amigos, que visitam, participam, gostam e convidam outras pessoas. É uma rede de

convivência, uma espécie de círculo vicioso que acaba contagiando muitas outras pessoas a participar. Então, o trabalho com a divulgação e acesso de novas pessoas é feita por todos que participam de algum modo dos cortejos.

Nesse sentido, todo o processo de construção e vivência dos cortejos do Arraial do Pavulagem acaba por se configurar num processo educativo, em que os sujeitos passam a se apropriar do seu contexto cultural e se identificam com o que é construído. A integração com outros movimentos, com outros Bois, passa a apresentar o que é construído em Belém e no interior do estado do Pará, as pessoas visualizam e conhecem outras manifestações populares.

O Arrastão Junino ou Arrastão do Pavulagem

O Arrastão Junino é o primeiro dos cortejos organizado pelo Arraial do Pavulagem. Sua história começa em 1987 com o Boizinho na Tala da Praça da República, onde tudo começou.

Ele acontece todos os domingos do mês de junho. Começa com a saída de um barco da Praça Princesa Isabel¹, no bairro da Condor, transportando o mastro de São João² rumo à escadinha do Cais do Porto de onde seguirá até a Praça da República, onde será fincado permanecendo até o final da quadra junina quando será derrubado.

O festejo da quadra junina é o seu principal tema. O Carimbó, o Xote Bragantino e algumas músicas da festa junina compõem esse cortejo. A sua estrutura é organizada com as bandeiras de São João, o estandarte do Arraial do Pavulagem, os cavalinhos e os bonecos cabeçudos ou cabeções, os Mastros de São João, os Bois³, os vaqueiros, o Boi Pavulagem, os pernas-de-pau, os adereços e as bandeiras relativos às festividades do mês.

O Boi Pavulagem é o principal adereço do Arrastão Junino. Todos os domingos algum Boi, como o Boi do Satélite, ou o Boi Malhadinho do Guamá são convidados a participar do cortejo, além de cordões de bichos do interior do estado e outras manifestações populares.

O Arrastão Junino termina com show's na Praça da República com o grupo Arraial do Pavulagem e convidados que tocam e divertem a multidão com música popular paraense e ritmos da quadra junina.

O Cordão do Peixe-Boi

O cordão do Peixe-Boi foi constituído a reboque do Arrastão Junino, numa perspectiva de representação da cultura popular paraense nos momentos de festas

¹ É onde se localiza o primeiro Terminal Fluvial Turístico de Belém, dotado de trapiche em forma de píer, com capacidade para 12 embarcações, possui área de embarque e desembarque para passeios turísticos. Além de terminal, na praça, há: anfiteatro para atividades culturais; estacionamento para ônibus e carros; posto da Guarda Municipal; posto de informações turísticas. É o ponto de partida para a visitação às ilhas de Belém, na margem do rio Guamá (Prefeitura Municipal de Belém, 2008).

² O mastro de São João, conhecido em Portugal como o mastro dos Santos Populares, é erguido durante a festa junina para celebrar os três santos ligados a essa festa. No Brasil, no topo de cada mastro são amarradas em geral três bandeirinhas simbolizando os santos. Tendo hoje em dia uma significação cristã bastante enraizada e sendo, entre os costumes de São João, um dos mais marcadamente católico, o levantamento do mastro tem sua origem, no entanto, no costume pagão de levantar o "mastro de maio", ou a árvore de maio, costume ainda hoje vivo em algumas partes da Europa

³ Boi Malhadinho do Guamá, Boi Orube do Satélite, Bois Ouro Fino; Geringonça; Pai do Campo e Flor do Campo de Ourém (INSTITUTO ARRAIL DO PAVULAGEM. CADERNO CANTAÇÃO DE RUA, 2008).

populares, neste caso nas festividades do Carnaval, que na cultura local consome o que vem de outras regiões do país.

Ele acontece no final de semana que antecede o carnaval, geralmente no mês de fevereiro. Inicia num Cortejo fluvial da Praça Princesa Isabel, que traz o brinquedo Peixe-Boi para a cidade de Belém e segue da escadinha do Cais do Porto até Largo do Carmo⁴ no bairro da Cidade Velha.

Tem um fundo de consciência cultural e ambiental, para uma ação educativa de preservação da natureza e do papel do homem na sua valorização. Apresenta essa característica de debate do meio ambiente e aos folguedos de rua.

A escolha do Peixe-Boi é uma estratégia por toda conjuntura que o animal passa: matança, extinção etc. Assim, ele representa todo o processo de destruição da Amazônia.

O Cordão do Peixe-Boi é inspirado nos cordões de bichos⁵ comuns na região amazônica, especialmente no litoral paraense e às margens dos grandes rios, e nos Pássaros Juninos de Belém. De acordo com Moura (1997) os cordões de pássaros e os pássaros juninos foram e são encontrados em Belém e em grande parte do interior do Estado do Pará. Muitos documentos apontam sua existência como os inventários culturais e artísticos do Estado em Loureiro (1987 e 1988) Loureiro e Refkalefsky (1987) e Nascimento (1987) e o levantamento de Teixeira (1989), artigos de jornais, depoimentos de brincadeiras, autores e proprietários de pássaros.

Os debates sobre meio ambiente e cultura iniciam com um seminário que escolhe determinado município do Estado a cada ano. Por exemplo: Bragança. Debate-se sobre a Marujada e a questão do meio ambiente neste município, além de suas diversidades, ou sobre a água e etc.

O Peixe-Boi vira brinquedo de rua confeccionado todo em armação de arame, com roupa que alia arte e reciclagem, essa armação é revestida com retalhos de pano e levado pelos brincantes nas ruas da cidade.

O cordão é formado pelo estandarte, pelas marujas, máscaras que vestem participantes, lembrando seres encantados da natureza, o brinquedo Peixe-Boi, o peixinho, o efeito de água, bichos da água, canoa de miriti com flores, canoa com frutas, rede de pesca e bandeiras coloridas.

Alguns desses objetos como o peixinho, o efeito de água e os bichos da água são feitos nas oficinas com materiais reciclados. Os mesmos são distribuídos durante o cortejo aos brincantes que devem devolvê-los no fim do cordão aos organizadores.

O cortejo do Peixe-Boi termina com sua chegada ao Largo do Carmo, onde existe um ritual de despedida e agradecimento do Batalhão-da-Estrela ao peixe-boi, por ter percorrido a cidade de Belém com seu encanto, e show com Arraial do Pavulagem e artistas convidados.

O Arrastão do Círio

⁴ Praça localizada no bairro da Cidade Velha. Nela está localizada a Igreja de Nossa Senhora do Carmo.

⁵ Entre os cordões de bichos e os cordões, de pássaro e bois-bumbás a aproximação é evidente. Neles ocorre a morte e a ressurreição da entidade principal (aves, outros bichos lendários, em se tratando de cordões; o do boi, no bumbá). Segundo Mário de Andrade, estamos diante de uma noção mística primitiva, encontrável nos ritos de culto vegetal e animal das estações do ano. Sua inspiração fundamental é de fonte mágica e religiosa, tanto pagã quanto cristã (apud MOURA, 1997). Nos cordões de bicho e de pássaro do estado do Pará existe sempre um animal, real ou lendário, patrono do folguedo. No caso do Cortejo do Peixe-Boi é o próprio peixe-boi que é esse patrono (MOURA 1997).

O Arrastão do Círio acontece às vésperas do Círio de Nazaré, logo após a romaria fluvial. Percorre da Escadinha do Cais do Porto até a Praça do Carmo. O Arrastão começa sua caminhada com o hino “Vós Sois o Lírio Mimoso”⁶.

Esse cortejo tem o intuito de homenagear a padroeira dos paraenses e é formado pelos estandartes do Arraial e pelos brinquedos gigantes de miriti⁷. A corda⁸ dos promesseiros do Círio de Nazaré vem representada por uma grande cobra feita de miriti que é carregada pelos brincantes.

Os brinquedos de miriti são representados de forma gigante se comparados com os vendidos durante as festividades do Círio de Nazaré. A Cobra Grande tem cerca de 20 metros de comprimento e é levada pelos brincantes que cantam e dançam as músicas tocadas pelo Batalhão-da-Estrela. Tem o som do corró-corró⁹ que é um brinquedo quase desaparecido da cena nazarena.

Os elementos cênicos de todos os cortejos se diferenciam por causa da representatividade que tem, por sua relação com o momento vivido pela cidade de Belém. Assim no Arrastão do Círio se encontra uma variedade de brinquedos de miriti, das mais diferentes formas. No cordão do Peixe-Boi já verificamos que as representações são de elementos naturais, da floresta, assim tem outra intencionalidade, como acontece com o Arrastão Junino, que tem outra temática.

Batalhão-da-Estrela

Para muitos que participam dos cortejos do Arraial do Pavulagem o Batalhão-da-Estrela é o elemento mais importante e são as pessoas que fazem parte da banda, que tocam os ritmos, as músicas que levam os cortejos até sua apoteose.

No entanto, poucos sabem o que significa, e até confundem sua nomenclatura, chamando por outros nomes, como: “batalhão-do-estrela”, “batalhão-das-estrelas” e assim por diante.

O Batalhão-da-Estrela tem esse nome pela influência do folclore do Boi-Bumbá, do trabalho que os artistas, ligados aos Cortejos, têm com Sol e com a Lua e

⁶De Euclides Farias. Poeta maranhense. Hoje “Vós Sois o Lírio Mimoso” identifica a procissão do Círio de Nazaré sempre que é cantado (INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM. CADERNO DE CANTAÇÃO DE RUA, 2008).

⁷O brinquedo de miriti é confeccionado a partir da palmeira *Mauritia Flexuosa* L. conhecida popularmente como miriti ou buruti-do-brejo o miritizeiro é uma palmeira que chaga a medir de 20 a 25 metros de altura. Seu tronco é ereto e não possuem ramificações, apenas anéis uniformes espaçados. Os braços ou talos, com cerca de 3 metros de comprimento, que sustentam uma coroa de 20 folhas, são utilizados para esculpir os brinquedos. Os grandes miritizais da região concentram-se nas ilhas do município de Abaetetuba-Pa, próximo à cidade de Belém (INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM. CADERNO DE CULTURA POPULAR, 2008).

⁸A corda, onde fica boa parte dos promesseiros, foi inserida no Círio em 1855, quando as enchentes no Ver-o-Peso fizeram com que se atassem cordas a fim de que os romeiros pudessem puxar a Berlinda que conduzia a imagem. A corda incorporou-se de tal forma à procissão, que é um dos mais fortes elementos do Círio. Introduzida oficialmente em 1885 na procissão, é nela onde acontecem as maiores demonstrações de fé (www.ciriodenazare.com.br).

⁹Brinquedo típico do Círio de Belém, também conhecido como roc-roc. Tem a forma de um cone cilíndrico dependurado por um barbante, atado a uma vareta besuntada com Breu de Jutaíçã (árvore da região). Ao ser girado em torno do seu próprio eixo, ronca de forma muito peculiar e interessante. Chama a atenção das crianças pelo som, movimento e o colorido das franjinhas de papel de seda colado em volta do cone. Acredita-se que seu som afugenta os maus espíritos e suscita comunhão e alegria (INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM. CADERNO DE CULTURA POPULAR, 2008).

no padroeiro do Arraial do Pavulagem, o Santo São João ou a estrela azul. Assim, ganhou essa nomenclatura.

Por outro lado, de acordo com Clay (2008), o Batalhão-da-Estrela não se limita apenas as pessoas da banda, mas a todos aqueles que de alguma forma colaboram na procissão dos elementos como os estandartes, as bandeiras e etc.

O Batalhão-da-Estrela era considerado apenas as pessoas que faziam parte da banda e das danças, mas se verificou que ele se estendia as outras pessoas que carregavam as bandeiras, os estandartes, os brinquedos, os bonecos cabeçudos, os cavalinhos e etc.

Nesse sentido, o Batalhão-da-Estrela tem sua relevância, pois é fundamental para a evolução dos cortejos, na sua caracterização e identificação. À medida que é formado pelas pessoas que conduzem os cortejos com seus elementos, por exemplo, com os instrumentos musicais, seria inviável a formação de um arrastão sem eles, outrossim, os cortejos teriam características diferentes das que conhecemos e poderiam se configurar em outro formato.

Ensaio metodológico da pesquisa

A coleta dos dados

Para a consolidação da pesquisa qualitativa com foco no trabalho de campo foram utilizadas as técnicas da entrevista semi-estruturada e da observação participante. Todos os dados coletados foram arquivados e estão de posse do pesquisador responsável por este estudo. Todas as falas foram gravadas e transcritas de modo integral. Também foram feitos registro de fotos e vídeos com o cuidado de manter o anonimato das pessoas participantes.

Para Lefevre (2000) a utilização da entrevista semi-estruturada como técnica de pesquisa qualitativa pretende superar a limitação implícita na compreensão dos campos através de dados que poderíamos chamar de objetivos, como por exemplo, as normas e leis. Além disso, essa técnica permite o acesso a dados da realidade de caráter subjetivo.

Utilizou-se também da técnica de observação participante que é feita através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos.

Minayo (1994) diz que a importância dessa técnica está no fato de podermos captar uma variedade de situações de fenômeno que não são obtidas por meio de perguntas, uma vez que, observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real.

Nesse caminho, a inserção no ambiente de vivência dos cortejos do Arraial do Pavulagem caracterizou-se por um envolvimento que tentou ser por inteiro, pois precisávamos entender as dimensões de identidade construídas nele sob as bases da cultura popular. Se a observação fosse feita pelo distanciamento total de participação da vida do grupo, tendo como prioridade apenas a observação, talvez fosse mais difícil realizar as análises dos dados coletados.

A organização e a leitura dos dados

Neste estudo foram utilizadas cinco figuras metodológicas para organizar e tabular os depoimentos e demais discursos, condição que auxiliou para a análise e interpretação dos dados coletados. As figuras são: a ancoragem, a idéia central, as expressões-chave, o discurso do sujeito coletivo e a organização em temas.

Análise e resultados

Os elementos estéticos e corporais significativos na construção da identidade cultural do corpo.

A estética, a beleza, a plástica são elementos de identidade do Arraial do Pavulagem. No Discurso do Sujeito Coletivo-DSC foram apresentados muitos indícios dessa afirmação. Foi apontado que os instrumentos musicais, a vestimenta, os brinquedos, os bonecos cabeçudos e todos os outros artefatos utilizados pelo Arraial do Pavulagem são essenciais para a evolução dos cortejos. Além disso, eles dão uma identidade ao grupo e torna os sujeitos membros da manifestação.

O corpo foi apontado como elemento essencial para a construção da identidade dos cortejos. Através da dança e do canto ele consegue se expressar e se posicionar dentro da manifestação, mas antes precisa passar por uma série de rituais, que podem ser organizados em três momentos: O primeiro começa no dia anterior, o descanso, repousar para o dia do cortejo. O segundo diz respeito ao se preparar: acordar cedo, fazer uma trança no cabelo, vestir uma roupa especial, colocar o chapéu de palha. E o último vivenciar com muita euforia o cortejo do início ao fim, expressando toda a alegria e interagindo com outras pessoas e tudo o que foi preparada para o cortejo.

Tudo o que foi apontado é extremamente relevante para a construção da identidade cultural do corpo, pois são experiências particulares. Essa identificação com os cortejos pode estar condicionada a certas músicas, ritmos, danças e instrumentos musicais. Geertz (1989) afirma que existe um conjunto de significados que a sociedade inscreve no corpo, nessa perspectiva ele pode ou não se interessar por dados elementos. Além disso, o processo de caracterização do corpo para os cortejos perpassa por esse mesmo conjunto de valores construídos ao longo da história de vida de cada um.

A relação de identificação gera, a partir da primeira participação, um envolvimento que transcende a lógica de espectador. A vivência na construção popular se transforma em paixão e o corpo passa a viver a experiência com outra lógica, agora a de sujeito-membro dos cortejos.

A relação vivida do corpo nos cortejos se configura numa relação estreita com a manifestação, com os elementos, com as danças e etc. que pode não ocorrer em outros espaços, ou em outras realidades culturais. Segundo Hall (2001) o sujeito pós-moderno, assume identidades diferentes em diferentes contextos e tem o sentimento de pertencer à dada realidade cultural, ou se identificar com ela, mas isso não significa que isso ocorrerá em outro contexto cultural. Assim, apesar dos laços construídos de paixão pelo Arraial do Pavulagem, pode não haver uma transposição dessa paixão para outras realidades na vivência de elementos culturais locais, o que é muito sério, pois a intenção é justamente essa, de valorizar a cultura local e de identificação com ela.

Os cortejos do arraial do pavulagem e sua relação histórico-identitária com a cidade de Belém

A cidade de Belém incorporou os cortejos a sua rotina, os laços que se consolidaram com a cidade e sua população nos cortejos são evidentes. O cenário verificado na década de 1980 revela a desvalorização das manifestações populares locais por grande parte dos paraenses. Havia um consumo de produtos artísticos culturais de outras partes do país, e o que era construído na região amazônica acabava sendo desconsiderado por parte da população.

A história apresentada por Júnior Soares (2008) revela que a população passou a participar de modo significativo à medida que os anos foram avançando, uma das

causas desse processo foi a metodologia de divulgação e vivência utilizada em forma de cortejos.

Nesse sentido, as pessoas passaram a vivenciar as atividades do Arraial do Pavulagem, e passaram a se apropriar dos conhecimentos ali produzidos de modo livre numa relação de curtir a cidade num folguedo popular e nas mais diversas intencionalidades. Nas diversas intencionalidades de vivência dos cortejos, algumas delas foram reveladas no DSC, como: o resgate da história de alguns bairros, que teriam sido esquecidos, como o bairro do Comércio e da Cidade Velha, o crescimento do contingente de pessoas nos arrastões, que reconhecem os espaços como as avenidas e as praças sob outro olhar e incorporação dos cortejos pela cidade de Belém como uma de suas marcas, um de seus cartões postais.

O corpo marcado pela frustração

O DSC também apresentou algumas frustrações, que precisam ser entendidas para sua superação. O desconforto em participar do Batalhão-da-Estrela, na relação de não realizar o que se tinha pretendido nos ensaios, a desorganização em alguns momentos quanto falta de assistência a algumas pessoas e desmotivação por parte de alguns organizadores foram apontados como processos que possibilitaram algumas dificuldades e geraram aborrecimentos durante os cortejos.

Considerações finais

A pesquisa possibilitou a análise do processo de construção da identidade cultural do corpo nos cortejos do Arraial do Pavulagem na cidade de Belém – PA. O método do DSC foi um caminho importante para a concretização da análise dos dados coletados, no entanto, foi necessária a utilização de outros instrumentos para melhor compreender os Discursos. Então, aliado ao DSC utilizamos a organização dos dados em temas para análise.

A partir dos resultados fica evidente a importância do Arraial do Pavulagem e conseqüentemente do Instituto Arraial do Pavulagem no fomento de práticas culturais com base na cultura paraense, apresentando alguns elementos como a música e a dança em seus cortejos na cidade de Belém.

Nesse sentido, a identidade cultural do corpo construída parte de uma relação sócio-histórica com a cidade de Belém e com o Estado do Pará, pois apresenta a evolução dessas manifestações folclóricas e traz para a rua, onde o povo pode ter acesso e conhecê-las. É importante frisar, que a relação histórica também parte do cenário de cultural da cidade, de onde partiu a inquietação para a construção de expressões que revivessem o que não se via mais na cidade: o povo na rua, vivendo, criando e se formando enquanto seres amazônidas.

Os elementos significativos de toda essa relação são: os instrumentos musicais, a roupa, o chapéu de palha, as músicas, a multidão de pessoas e etc. Todo esse conjunto gera uma estética, essencial a atmosfera criada nos cortejos, como verificado no DSC: a alegria, a ansiedade, o viver novas emoções, a empolgação e a saudade. A estética nesse processo deve ser entendida como fruto da organização dos cortejos, da dedicação de todos os brincantes e membros do Batalhão-da-Estrela e de todos aqueles que fizeram e são responsáveis por essa história de luta pela valorização da cultura popular paraense.

Assim, a identidade cultural do corpo nos cortejos do Arraial do Pavulagem é construída através das experiências intermediadas pela estética, como um dos principais elementos que aglutinam pessoas em torno dos cortejos. E a identidade, ou as

identidades construídas se consolidam sob diferentes aspectos, pois a subjetividade apresentada pelo elemento estética é variável de sujeito para sujeito.

Referências

- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. *As relações culturais*. In: Filosofia da educação. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- AMADOR, Elielton. *Arraial do Pavulagem arrasta mais de 20 mil*. Disponível em: <http://www.agenciapara.com.br/exibe_noticias.asp?id_ver=33486>. Acesso em: 13 de outubro de 2008.
- AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura popular no Brasil*. Perspectiva de análise. São Paulo: Ática, 1987.
- BELÉM. Prefeitura Municipal de. Praças. Disponível em: <http://servicos.belem.pa.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=84&Itemid=165>. Acesso em: 15 de outubro de 2008.
- BOAS, Franz. *As limitações do método comparativo em Antropologia*. In. Antropologia Cultural. Rio de Janeiro: Zahar. 2004. p. 25-40.
- BRUNHS, Heloisa Turini (org.). *Conversando sobre o corpo*. 3 ed. São Paulo: Campinas; Papyrus, 1989.
- CHARTIER, Roger. *Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico*. In: Estudos Culturais. Rio de Janeiro, v.8, n. 16, p. 179-192, 1995.
- CONDURÚ, Marise Teles e MOREIRA, Maria da Conceição Ruffel. *Produção científica na universidade: normas para apresentação*. 2 ed. Belém: EDUEPA, 2007.
- DAOLIO, Jocimar. Da cultura do corpo. São Paulo: Campinas; Papyrus, 1995.
- FESTAS Juninas ou santos populares. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Festa_de_S%C3%A3o_Jo%C3%A3o>. Acesso em: 15 de outubro de 2008.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
- GOMES, Romeu. *A análise de dados em pesquisa qualitativa*. In: Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. cap. 4, p. 67-80.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar agir: corporeidade e educação*. São Paulo: Campinas; Papyrus, 1994.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DObA, 2001.
- IGREJA CATÓLICA. Arquidiocese de Belém. Círio de Belém. Disponível em: <<http://www.ciriodenazare.com.br/>>. Acesso em: 15 de outubro de 2008.
- INSTITUTO ARRAIAL DO PAVULAGEM. Caderno da cantação de rua – arrastão do pavulagem. Belém, 2008. Folder.
- _____. Caderno de cultura popular – arrastão do círio 2008 – ponto de cultura – arraial do saber. Belém, 2008. Folder.
- _____. Arrastão cultural do círio. Disponível em: <http://www.arraialdopavulagem.com.br/noticia.php?id=124>. Acesso em: 26 de outubro de 2008.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.
- LEFEVRE, Jorge Juarez Vieira Teixeira et al. (Org). *O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. *A ciência do concreto*. In: O pensamento Selvagem. Campinas, SP: Papyrus, 1989: pp.15-49.
- LIMA, Rossini Tavares de. *A ciência do folclore*. São Paulo, Ricordi, 2003.
- MANESHY, Pedro Paulo Araújo. *Corporeidade e cultura amazônica: re-flexões a partir do pássaro junino do Pará*. Campinas, SP: [s.n.], 2001. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual do Campinas, São Paulo, 2001.

Recurso Tecnológico necessário para apresentação do trabalho: projetor multimídia (data show)

Endereços:

Emerson Araújo de Campos (emizinho@yahoo.com.br)

Professor-colaborador na linha Lazer, práticas corporais e cultura étnica, do Núcleo de Estudos e Pesquisa Amazônicos em Esporte e Lazer-NEPAEL/UEPA.

Av. Zacarias de Assunção, Passagem Bom Jesus, nº 227, Bairro: Centro, Ananindeua-PA. CEP: 67030-250.

Joelma C. P. Monteiro Alencar (joelmaparente@oi.com.br)

Docente da Universidade do Estado do Pará-UEPA; coordenadora da linha de pesquisa Lazer, práticas corporais e cultura étnica e do Grupo de Pesquisa NEPAEL.

Av. Dr. Freitas. Conjunto 14 BIS, Bloco 39, aptº.201. Bairro: Marco. Belém-PA. CEP:66087-070.